

Usina já processa

REIO BRAZILIENSE

CIDADE

600 toneladas de lixo

FOTOS

A Usina Central de Tratamento de Lixo de Brasília, de tecnologia francesa, completou, na semana passada, dois anos de funcionamento ininterrupto, processando diariamente 600 toneladas de lixo doméstico, equivalente a 50 por cento de todo o lixo produzido no Distrito Federal. A falta de estrutura do Serviço de Limpeza Urbana para transportar uma quantidade maior de lixo para a usina, entretanto, faz com que ela opere com 40 por cento de sua capacidade ociosa.

Inaugurada em caráter definitivo no dia 14 de setembro de 1987, a usina — construída pela empresa Carioca de Engenharia S/A, detentora da patente da Trigar — ficou quatro meses desativada após um pequeno período de operação desajustada. Só então o Governo do Distrito Federal decidiu contratar a Carioca para também operar o sistema de tratamento de lixo, participando apenas da limpeza da usina, da catação de material e da movimentação de massa, através do SLU.

Desde então, o complexo, que ocupa uma área de 250 mil metros quadrados, no Setor P Sul da Ceilândia, tem funcionado sem problemas técnicos ou administrativos. De acordo com o gerente Sérgio Ávila Filho, engenheiro civil da Carioca, o funcionamento da usina envolve 70 trabalhadores da empresa de engenharia e 200 do SLU. A venda de todo o material resultante do tratamento do lixo é feita pelo engenheiro agrônomo Cláudio Rachid Dias, do Serviço de Limpeza Urbana.

Nestes dois anos, a usina processou mais de 250 mil toneladas de lixo, o que significa uma produção de 145 mil toneladas de composto orgânico e 15 mil 500 toneladas de reciclados. "Queremos melhorar a nossa produção, e isso só depende de mais lixo. A nossa capacidade é para 950 toneladas diárias" justifica o gerente Sérgio Ávila. Atualmente, o SLU trabalha com apenas 80 caminhões no transporte do lixo para aquela unidade de tratamento. O lixo vem de Taguatinga, Ceilândia, Gama, Brazlândia, Sobra-

dinho, Planaltina e Plano Piloto.

REAPROVEITAMENTO

Sérgio Ávila explicou que o reaproveitamento do lixo tratado naquele sistema é de 65 por cento, um dos mais altos índices do País. Os outros 35 por cento que compreendem os plásticos não-catados, cerâmicas e outros materiais, são recolhidos a um aterro em água, próximo da usina. De todo o lixo produzido na cidade, a maior parte vai para a usina do P Sul, outra parte vai para o aterro do Jóquei, perto da via Estrutural, e cerca de 100 toneladas vai para a usina de tratamento do Lago Sul, na Avenida das Nações.

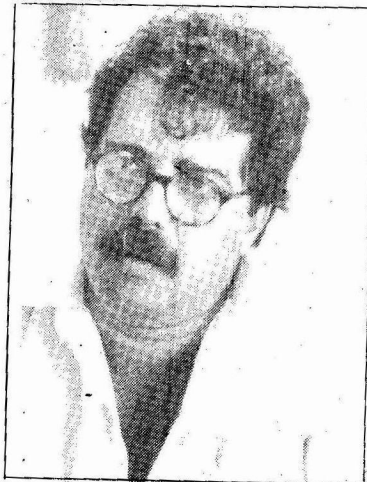
A usina do P Sul voltou a funcionar já na administração do superintendente do SLU Brasil Américo Louly Campos, que tem se empenhado em melhorar a frota da empresa. Ela está sendo renovada e dentro de pouco tempo estará pronta para melhorar a transferência do lixo doméstico dos vários pontos da cidade para o P Sul.

Economia de tempo compensa operação

A compostagem do lixo doméstico demora, a céu aberto, uma média de 60 dias, mas a Usina de Tratamento leva apenas quatro dias nessa operação. Ela funciona em três fases principais e se os seus produtos finais fossem vendidos a preços reais, a usina seria autofinanciável. Atualmente, ela custa aos cofres do GDF em torno de 10 mil BTN mensais. Segundo Sérgio Ávila, o composto orgânico é vendido aos agricultores com o subsídio do governo.

A primeira fase da operação é a recepção, composta de um fosso com 3 mil 500 metros cúbicos para estocagem do lixo domiciliar e de duas pontes volantes com garras para alimentação das linhas. Neste trabalho, ficam três funcionários por turno. A fase da separação vem logo depois com peneiras giratórias para classificação de material, separadores balísticos, separadores pneumáticos, separadores magnéticos e transportadores de catação. É nesta etapa que são aproveitados os materiais reciclados: papel, papelão, plástico fino,

VALDIR MESSIAS



Ávila: vendas com subsídios

plástico grosso, latas, vidro, trapo e metais não ferrosos. Um total de 44 pessoas por turno trabalham na separação.

HIGIENIZADOR

A fermentação é a última etapa da compostagem. Os restos de ali-

mentos, de papel, de frutas e outras matérias orgânicas vão para o higienizador onde é feita a fermentação do lixo. Nessa fase há apenas o acompanhamento técnico dos operadores. As 350 toneladas de composto orgânico produzidas diariamente são vendidas aos agricultores do cinturão verde do Distrito Federal e até em Patos, Minas Gerais. Os preços são de NCz\$ 12,36 para agricultores e de NCz\$ 35,30, a tonelada, para não agricultores.

No ano passado, a usina estocou grande quantidade de composto orgânico. Este ano, porém, a produção não cobre a maior parte da demanda. Os reciclados vão para estoque e são leiloados. Recentemente, o Governo do Distrito Federal leiloou o último estoque, arrecadando NCz\$ 800 mil, vendendo para Novo Rio Papéis, Mendes Júnior e outras empresas de Goiânia, Belo Horizonte e pequenos empresários do Distrito Federal.